

**A EDUCAÇÃO DO CAMPO E SUA RELAÇÃO COM O TRABALHO DAS
MULHERES EM AGROECOLOGIA NOS ASSENTAMENTOS DE REFORMA
AGRÁRIA
NA REGIÃO DE SOROCABA.**

Amanda Cristina Lino¹

Eixo Temático: Educação do Campo e Trabalho

Discussão Introdutória

O presente trabalho é resultado parcial da pesquisa de mestrado, vinculada ao Programa de Pós Graduação da UFSCAR-PPGED, na linha de Movimentos Sociais e Educação tem por objetivo analisar a participação das mulheres na organização do trabalho e sua relação com a Educação do Campo e a agroecologia nos assentamentos da região de Sorocaba.

No atual contexto brasileiro, vivencia-se o refluxo das lutas sindicais e partidárias, o arrefecimento dos conflitos e antagonismos na luta de classes. O MST tem se configurado enquanto sujeito coletivo, que através de suas lutas, de forma pedagógica explicita os confrontos de classe presentes no campo. Esse confronto, afirma-se no seu projeto de Reforma Agrária Popular, que refrata a busca da transformação social de cunho Socialista (Frigotto, 2011, p.11) conseqüentemente, a educação do campo tem sido uma das frentes de luta do movimento que tem contribuído nesse enfrentamento, de resistência ao neoliberalismo no campo, materializado sob a face do Agronegócio.

A Educação do Campo hoje se configura como um paradigma teórico, construído na relação dos processos de luta pela terra, pela Reforma Agrária e pela transformação social com perspectiva socialista, o que faz com que esses processos se encerrem enquanto práticas sociais, que se metamorfoseiam em práticas pedagógicas

¹ Amanda Cristina Lino é graduada pelo primeiro curso de Pedagogia da Terra no Estado de São Paulo, e atualmente Bolsista do Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal de São Carlos. Membro do GECOMS. Email: amandamst@yahoo.com.br

com vistas a formação de um novo sujeito social, coletivo, que se educa nas fronteiras da busca pela materialização de seus direitos básicos.

Dessa forma, os assentamentos de reforma agrária tem sido os cenários que constroem essas lutas de enfrentamento no cotidiano, a partir da organização do trabalho nos assentamentos, que trazem em seu processos as dimensões educativas.

Cabe ressaltar que a realidade atual dos assentamentos de Reforma Agrária, encontram-se em um quadro precário, tanto em infra-estrutura como em políticas públicas insuficientes para gestar as condições necessárias para a viabilização dos projetos de desenvolvimento socioambiental, diante da ausência de políticas publicas eficientes nesse campo.

Mesmo assim, por iniciativas realizadas pela organização dos assentados e do MST os assentamentos tem dinamizado muitas economias locais., contribuindo com o aumento do poder aquisitivo dos assentados, tanto nos gêneros alimentícios saudáveis como nos bens de consumo em geral, eletrodomésticos, insumos e implementos agrícolas.(CARTER e CARVALHO.2010,p.301)

No contexto estão inseridas as mulheres, que numa condição de gestar espaços de participação que trabalhem a igualdade de gênero e classe tentam criar formas organizativas para contribuir com o projeto de desenvolvimento socioambiental, como no caso, o núcleo de certificação orgânica-OCS.

É nesse contexto, que torna-se pertinente dar visibilidade à organização dos trabalhos e das lutas que as mulheres assentadas e Sem Terra tem efetivado nos assentamentos na região de Sorocaba

Diante da situação de ausências de políticas públicas nos assentamentos para a viabilidade produtiva, os assentados e jovens são obrigados a trabalharem fora dos assentamentos para que possam subsidiar e fomentar alguns projetos de produção do próprio lote, ou até mesmo para complementar o a renda do sustento familiar, e quem passa a assumir as atividades produtiva no lote são as mulheres .

Assim, estas mulheres cumprem um importante papel na materialização do projeto de desenvolvimento socioambiental na Reforma Agrária Popular . Estas mulheres produzem uma linguagem própria, com necessidades específicas, mas não deixam de agregar as lutas estratégicas de emancipação da classe trabalhadora, participando, mesmo invisivelmente das cooperativas, associações, - e das instancias em geral do Movimento Sem Terra .

Essa participação está envolta em situações enigmáticas e contraditórias, essas mulheres trilham um caminho rumo a sua libertação na busca pela igualdade, pela participação da família no trabalho produtivo no lote . Mas essa igualdade é conferida sob os delimitados espaços de participação. A divisão sexual do trabalho, a participação das mulheres nas instancias de decisão, a relação entre participação qualitativa e quantitativa se configuram como paradoxos nos assentamentos.

Ao mesmo tempo , é na luta dessas mulheres, que encontramos elementos educativos, engendrados historicamente pela concepção e praticas pedagógicas construídas pelas lutas sociais do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra-MST, vem ressignificando os processos de luta no campo, ao possibilitar a consubstancialidade entre os conceitos de Classe, Gênero e Agroecologia, que dão base a construção da Reforma Agrária Popular que se estende pelo processo de luta pela terra, a conquista de créditos, Organização de Cooperativas e Associações , e os grupos de Organizações de Controle social- OCS, que tem agregado a participação de um numero considerável de mulheres. .

Caldart (2004,p.23-24) afirma que a Educação do Campo, pressupõe uma concepção de campo , ou seja, ela está relacionada as relações de produção estabelecidas nos assentamentos e relacionada ao Projeto de Reforma Agrária, assim pode-se dizer que o processo de formação Humana, é oriundo da relação entre a concepção de campo e concepção de educação , ou seja , a concepção de Educação reflete as relações de produção construídas socialmente .

Portanto, a Educação do Campo, contesta modelo o hegemônico de agricultura capitalista, caracterizado por um modelo excludente, em que expõe os camponeses a exploração da mão –de- obra e põe em risco a vida dos trabalhadores e trabalhadoras no campo.

É diante desse enfrentamento que a Educação do Campo tem construído na sua concepção de formação humana, como materialidade construída a partir dos conflitos vivenciados nos assentamentos de reforma agrária, sua concepção de educação, trazendo em seu bojo projeto de Reforma Agrária, que articula a agricultura camponesa, a agroecologia popular sua relação com a luta pelos direitos das mulheres camponesas, que estão interseccionadas com a luta pela reforma agrária, em que visa o processo de democratização da terra, da água e dos demais recursos naturais. (CALDART, 2004.p. 24)

Dessa maneira a gênese da educação do campo, está fundamentada nas lutas sociais camponesas, no questionamento das relações construídas no campo, em que desvelam as contradições entre capital e trabalho na luta de classes.

É na relação entre educação e trabalho, extrapola a característica que é própria do campo, e se estende como uma pedagogia da classe trabalhadora, afirmando a luta de classes, preocupada com os processos de humanização e emancipação humana, resistente ao modelo educacional imposto pelo capital.

È nos limítrofes da luta cotidiana nos assentamento que o modelo de educação, os limites da educação dada ao trabalhador, restritos a formação para o mercado de trabalho, transformando homens e mulheres em mercadoria, dissociando a tríade que constitui a formação humana, em sua dimensão natural, social e cultural simbólico, impondo o individualismo, as desigualdades sociais (que refletem enquanto desigualdade na educação), o analfabetismo, a violência, expressões do processo de desumanização, que vem sendo disseminada através da produção destrutiva do capital, vem sendo questionadas por iniciativas que vinculam o processo de produção e a educação. Na contramão dessa concepção, caminham as experiências fundamentadas na educação do campo, que preconizam outra concepção de campo, estão associadas a uma relação de organização do trabalho para a transformação desse quadro.

Metodologia:

A opção metodológica da presente pesquisa, foi pela História Oral, em sua modalidade História Oral Temática. A base da pesquisa se dará pela coleta dos dados resultantes das entrevistas abertas como fontes primárias cruzando com os estudos bibliográficos da pesquisa, e demais documentos que poderão ser coletados, dentre eles fotos, jornais. Por se tratar de uma pesquisa de cunho qualitativo, a análise está ocorrendo concomitantemente à coleta dos dados e demais etapas da pesquisa sendo passível de alterações nos procedimentos metodológicos.

Resumo preliminar dos resultados da pesquisa

De forma preliminar, observa-se que no contexto desses assentamentos o trabalho desenvolvido pelas mulheres se caracteriza como um trabalho de caráter de resistência e contraposição ao modelo de desenvolvimento preconizado pela face do neoliberalismo no campo, o Agronegócio. O trabalho desenvolvido por elas se destaca

diante de um importante contribuição que já acontece a muito no campo da produção, que tem status da produção de quintal, mas é pouco visualizada e reconhecida em sua dimensão estratégica.

No processo organizativo do trabalho, a Agroecologia, em seu fazer-se, nega a matriz tecnológica da empresa capitalista, e afirma a matriz tecnológica adotada pelos camponeses, o que afirma os camponeses enquanto classe. (CARVALHO.2007.p.11)

Ao reconhecer essa visão de campo, a própria educação do campo passa a ser uma concepção educativa em movimento, a partir do momento em que afirma a importância da participação das mulheres, de suas pautas e de suas lutas e mobilizações que são intrinsecamente articuladas tema da Agroecologia.

Nesse movimento de resistência ao neoliberalismo a Educação do Campo tem subsidiado o desenvolvimento de experiências pedagógicas para transformação social, e traz em seu bojo como perspectiva de formação humana as dimensões das lutas classe, gênero, e de uma relação vinculada as lutas do movimento social, conformada na práxis educativa revolucionária, como processo permanente de formação e transformação humana com base nos valores humanistas e socialistas.

REFERÊNCIAS:

CALDART.R.Elementos para a Construção de um projeto político pedagógico de campo.In MOLINA.M.C, JESUS.S.M.S.A.: Por Uma Educação do Campo: Contribuições para a Construção de um projeto de Educação do Campo. Cadernos da Educação do Campo nº 5.2004

CALDART. R. S. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. 3.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

CARVALHO.H.M. Desafios para o Agroecologista como Portador de uma nova Matriz Tecnológica para o Campesinato. 2007. Disponível em : <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=0CDUQFjAB&url=http%3A%2F%2Fwww4.fct.unesp.br%2Fthomaz%2FEdital%252058%2F>. Acesso em 14 de Junho de 2013

CARTER, M; CARVALHO, H. M. **A Luta na Terra**: Fonte de crescimento, Inovação edesafio constante ao MST, In: CARTER, M. (Org.) **Combatendo a Desigualdade Social: OMST e a Reforma Agrária no Brasil**. São Paulo: UNESP, 2010.

FRIGOTTO.Prefácio.In VENDRAMINI.C.R, MACHADO.(Org).I.F.**Escola e Movimento Social: Experiências em Curso no Campo Brasileiro**. 1ª edição . Expressão Popular.2011

